

Violência na escola pública noturna**Violence at night public school**

DOI:10.34117/bjdv6n1-281

Recebimento dos originais: 30/11/2019

Aceitação para publicação: 26/01/2020

Maria José Alves de Souza

Doutoranda do Atenas College University/Grupo Alpha. Educadora de Apoio e Professora da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, PE
Email: zezealves2@gmail.com

Maria Eliene Pessoa de Assunção Tavares

Mestranda do Atenas College University / Grupo Alpha. Professora da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Vertentes, PE, Brasil
E-mail: mariaelienelela@yahoo.com.br

Patrícia Veronica de Azevedo Brayner

Doutoranda do Atenas College University/Grupo Alpha, Mestra em Ciências da Educação UGF-RJ, Professora das redes Municipal do Recife e Estadual de Pernambuco
Email: titabrayner@gmail.com

Paulo Sérgio Barbosa

Mestrando em Ciências da Educação. Olwa University-Olford Walters University-Unigrendal
E-mail: psbarbosa2408@gmail.com

Rosângela Nieto de Albuquerque

Dra. Professora
E-mail: rosangelanieto@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo discutir sobre a violência na escola pública noturna. De modo especial, ressalta-se aquilo que os teóricos afirmam sobre o assunto em tela, ou seja, compreender o estado da arte em torno da temática, posteriormente refletir sobre o papel da escola enquanto promotora dos direitos sociais mais justos, democráticos e solidários e sua responsabilidade na prevenção do uso de drogas e no combate a violência. Por fim, expor como as políticas públicas de combate a violência e prevenção ao uso das drogas corroboram com o trabalho realizado pela escola. Defende-se que os fatores internos (como o não sentimento de pertencimento ao ambiente escolar) e externos (como desajuste familiar, violência doméstica, moradia, infra-estrutura, desemprego e desigualdades sociais) interferem no comportamento dos jovens, aumentando o índice de violência e o uso de drogas. Fundamenta-se esta pesquisa em Abramovay (2010), Chalita (2008), Chauí (2011), Waiselfisz (2014), Ordoñezv (2015), entre outros que corroboram com a hipótese em questão. Ressalta-se que a metodologia se pauta na pesquisa de campo, de caráter qualitativo, por meio de questionário, isto é análise do conteúdo, aplicado aos professores do Ensino Médio, na intenção de assimilar a metodologia de interação, e o grau de violência na instituição de ensino noturna. O universo da pesquisa foi de 12 professores do Ensino Médio e uma escola pública noturna.

Palavras-chave: Escola pública noturna, Violência, Uso de drogas.

ABSTRACT

This research aims to discuss about the violence in the night public school. In particular, it emphasizes what theorists affirm about the subject in question, that is, to understand the state of the art around the theme, to later reflect on the role of the school as a promoter of fairer, democratic and solidary social rights and their responsibility in preventing drug use and combating violence. Finally, expose how public policies to combat violence and prevent drug use corroborate the work done by the school. It is argued that internal factors (such as not feeling of belonging to the school environment) and external factors (such as family maladjustment, domestic violence, housing, infrastructure, unemployment and social inequalities) interfere with the behavior of young people, increasing the rate of violence. and drug use. This research is based on Abramovay (2010), Chalita (2008), Chauí (2011), Waiselfisz (2014), Ordoñezv (2015), among others that corroborate the hypothesis in question. It is noteworthy that the methodology is based on qualitative field research through a questionnaire, ie content analysis, applied to high school teachers, with the intention of assimilating the interaction methodology, and the degree of violence. in the institution of night teaching. The research universe consisted of 12 high school teachers and a public night school.

Key words: Public night school, Violence, Drug use.

1 INTRODUÇÃO

Frequentar a escola pública de educação básica noturna tornou-se não uma opção voluntária, mas sim uma decisão necessária em decorrência muitas vezes da jornada de trabalho. E o que torna esta opção preocupante infelizmente são os episódios de violência dos quais a escola pública tem sido alvo. Esta situação tem inquietado varios agentes sociais da educação e vários setores da sociedade que tentam buscar apoio para minimizar tal situação.

De acordo com Chauí (1995):

A violência é o uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser. A Violência é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém. (CHAUÍ 1995, p. 337)

Obrigar alguém a agir de acordo com o nosso pensamento, com o nosso ponto de vista é retirar-lhe a sua dignidade e integridade, é querer viver pelo outro. Isso é um tipo de violência muito grave em decorrência de suas consequências futuras.

Expor o indivíduo a uma situação vexatória frequentemente pode desencadear problemas de isolamento, depressão, diminuição da autoestima ou ainda ter um comportamento avesso tornando-se uma pessoa violenta.

Ao referir-se sobre violência cabe incluir os vários tipos de violência que estão presentes no intramuros da escola como: agressões verbais e não verbais, furtos, roubos, violência moral, a

deprecação do patrimônio público, a irradiação do uso de substâncias nocivas a saúde, a violência simbólica, por exemplo, nas questões de bullying (humilhação constante), raça, gênero, sexualidade, filosofia etc., desacato a professores e funcionários, violência doméstica, violência pelo estímulo da mídia, rejeição do grupo, entre outros.

Quais os tipos de violência que a escola está exposta? Para Charlot (2005) é preciso discernir bem os conceitos de violência *na* escola, a violência *à* escola e a violência *da* escola:

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas de disputas de bairro, a escola é apenas um lugar em que ocorre uma violência que pode ter acontecido em qualquer outro local [...] A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e àqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes o tratam (modos de distribuição das classes, atribuição de notas, de orientação; palavras desdenhosas dos adultos; atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas, etc (CHARLOT, 2005, p. 127).

Segundo o autor faz-se necessário esta distinção para que a escola possa elaborar estratégias de combate à violência e buscar parceiras quando o caso ocorre além das suas responsabilidades. Segundo Vaz (1994) a violência vem de fora da escola. Ou seja, a escola é vista como uma vítima de "maus elementos" que a atacam, depredam e roubam. E, no entanto, a escola também produz a violência no seu cotidiano. É uma violência sutil e invisível, ou violência simbólica.

Geralmente a violência que vem além dos muros da escola, é um sinal de alerta a uma reação ao que ela representa ou não representa. Por trás deste ato estão alunos ou ex-alunos, dificilmente pessoas alheias ao ambiente escolar estão relacionadas a tais atos.

Abramovay (2010) ressalta que:

Recentemente, orienta-se o debate a partir tanto da subjetividade do jovem como de sua inserção na sociedade, aspectos que não podem ser entendidos de maneira separada. Isto significa que o uso de drogas deve ser contextualizado para não incorrer em discursos preconceituosos e deterministas. Ressalta-se, por exemplo, reconhecendo que, como problema, o vício em substâncias psicoativas não é exclusividade de jovens pobres, nem mesmo de jovens. (ABRAMOVAY, 2010, p.149)

Segundo o autor a violência advinda do uso de drogas independe da classe social a que pertença o jovem ou mesmo o adulto, o manuseio de substâncias que prejudicam a saúde está amplamente disseminado entre todas as classes sociais e faixas etárias.

Querer se encaixar em certo “status”, se impor diante da *galera* e muitas vezes a timidez ou a falta de condições financeiras para competir de igual para igual, tem levado muitos jovens a buscar a forma mais fácil de chegar lá, por meio das drogas e da violência.

A instituição de ensino não deve esperar que os problemas apareçam dentro dos muros para se tomar uma postura. A prevenção é a melhor opção. O ambiente escolar sempre foi considerado como uma segunda casa, onde os pais confiam seus filhos sob os cuidados dos responsáveis pela instituição. É notório que as esferas educacionais têm se preocupado com o aumento de usuários das drogas lícitas e ilícitas, que cercam os arredores das escolas.

A violência dentro do recinto escolar normalmente está acompanhada de antecedentes como: a violência em casa e em outros ambientes frequentados pelos jovens; problemas sociais. E é no ambiente escolar que ele reproduz essa situação. Assim é prudente que a escola se articule para enfrentar e prevenir todo e qualquer tipo de violência que por ventura possa aparecer no âmbito escolar, através não só do caráter de instruir, mas o de educar na formação de valores.

Outro problema de violência muito comum nas escolas é o bullying, sobre isto Chalita (2008) relata que:

É um “termo que designa o hábito de usar a superioridade física para intimidar, tyrannizar, amedrontar e humilhar outra pessoa”. Entre os educadores essa terminologia é adotada em vários países para “definir o uso de apelidos maldosos e toda forma de atos desumanos empregados para atemorizar, excluir, humilhar, desprezar, ignorar e perseguir os outros” (CHALITA, 2008, p. 81).

O bullying é um tipo de violência simbólica que está presente em todas as escolas sejam elas públicas ou privadas. Muitas vezes as vítimas sofrem caladas e não denunciam, ou por vergonha ou medo de punição.

Nas escolas, o bullying “exige observação atenta e presença constante, pois, normalmente, as vítimas são aterrorizadas em áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão” (CHALITA, 2008, p. 81).

Desde o dia 15 de maio de 2018 foi publicada no Diário Oficial da União a Lei 13.663/2018, que obriga as escolas promoverem a cultura da paz e medidas de conscientização, prevenção e combate a diversos tipos de violência, como o bullying.

É preciso investigar as diversas maneiras como a escola tenta sanar esses problemas de alunos que apresentam sinais de violência, que conseqüentemente interferem no seu processo de aprendizagem. Conhecer as formas de como são trabalhadas questões de prevenção às drogas no ambiente escolar e os quais projetos desenvolvidos que interferem no comportamento dos jovens, há algum suporte às famílias em situação de risco, uma vez que a miséria, a falta de trabalho as discrepancias sócio econômicas só tendem a aumentar o índice de violência e o uso de drogas.

2 METODOLOGIA

De acordo com Silva (2005) “a Metodologia tem como função mostrar a você como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo.” (SILVA, 2005, p. 09).

Esta pesquisa tem como modelo de abordagem escolhida a do tipo qualitativa “Pesquisa qualitativa é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade” (MINAYO, 2005, p.16-18).

Participantes da pesquisa

Pesquisa de caráter qualitativa, por meio de questionário, através de perguntas abertas e fechadas com professores do curso diurno e curso noturno do Ensino Médio Regular, da Educação de Jovens e Adultos - EJA Médio e do Travessia Médio.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram 12 professores, com o intuito de compreender qual a visão deles em relação a violência na escola pública e como eles tem lidado com essa situação em sala de aula e mesmo dentro do ambiente escolar. Segundo LUDKE e ANDRÉ (1986, P.14) “o uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo”.

Os professores participantes da pesquisa na sua maioria têm vínculo efetivo no Estado de Pernambuco, exercem a função de professor entre 2 a 22 anos na escola e são graduados (a maioria especialistas) e também há 1 mestre na área em que atuam. Através dos contatos mantidos, demonstraram compromisso, responsabilidade e vontade de fazer acontecer e preocupação com a situação de violência que ocorre na escola principalmente no turno noturno.

Discussão e Análise dos dados

Os professores responderam a um questionário on line através do aplicativo google forms. Sem a necessidade de se identificarem, dando assim a liberdade para exporem suas opiniões sem restrições.

Segue análise e discussão referentes as respostas dadas em relação as seguintes perguntas:

- Como você define sua profissão?

Prof. 1 “Mamão” com todos os percalços acredito que é satisfatória.

Prof. 2 Desafiadora, mas muito gratificante.

Prof..3 Desafio de refazer-se constantemente.

Prof.4 Desafiadora e importantíssima

Prof.5 Razoável

Prof.7 Dinâmica

Prof.8 Maravilhosa!

Prof.9 Gratificante

Prof.10 Missão

Prof.11 A profissão mais importante! É dela que provém todas as outras profissões.

Prof.12 Um desafio enorme. Estou entre a precariedade do sistema educacional brasileiro e a única possibilidade de melhora da população pobre desse país.

Segundo Freire (1996)

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos alunos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao que - fazer docente (FREIRE, 1996, p.142).

Diante de tantos desafios, do pouco ou muitas vezes a desvalorização do árduo trabalho do professor tem demonstrado que seu labor é realmente vocação, é o prazer do refazer-se constantemente, é sonhar com um amanhã diferente, um mundo melhor que só a educação é capaz de transformar a sociedade.

- Quais as motivações que te levaram a ser professor e a continuar na profissão?

Prof. 1 Acreditar num mundo melhor, onde os estudantes desenvolvam seu potencial e sejam agentes de transformação da sociedade.

Prof. 2 É uma profissão determinante para o futuro do país. E está com os jovens e poder ajudá-los em sua vida acadêmica, pessoal e profissional é nossa maior motivação.

Prof..3 Inicialmente foi a única oportunidade de formação e a permanência dá-se por um misto de acomodação e paixão pelas relações humanas.

Prof.4 Melhorar a sociedade só acontece com educação

Prof.5 Afinidade

Prof.6 Vocação

Prof.7 O desejo de ser cada dia um ser melhor e tornar o outro também um ser melhor.

Prof.8 A felicidade de estar com meus alunos e aprender com eles. A me atualizar cada curso ou encontro fornecido pela instituição.

Prof.9 Amor pela matemática.

Prof. 10 Vontade de ver as crianças e jovens sempre evoluindo na vida.

Prof.11 Minha mãe é professora, segui seus passos. Muito aprendizado

Prof.12 Fui professor pois era a única forma de cursar uma faculdade e permaneci porque reconheço a grandeza do meu ofício.

De acordo com Freire (1996):

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

Como bem coloca Paulo Freire não se pensa educação sem sentimentos, sem emoções, sem alma. Assim como a fala dos professores o desejo de ajudar o outro, de ver o outro crescer.

- Que contribuições esta profissão trouxe para sua vida?

Prof. 1 Uma visão de mundo mais profunda das situações cotidianas e sociais.

Prof. 2 Tenho orgulho de ser professora esta é minha profissão da qual tiro meu sustento e ela contribui com minha prática, pois um bom profissional está sempre em formação.

Prof.3 Possibilitou a aquisição de bens materiais bem como a bens metafísico como conviver com inúmeras realidades distintas da minha.

Prof.4 Aprimoramento

Prof.5 Conhecimento

Prof.7 Ser resiliente

Prof.8 Consigo ser mais paciente e compreensível, compreendendo que todos nós somos diferentes e que cada um tem sua história de vida. A relação com o ser humano é incrível. Aprendo todos os dias.

Prof.10 Aprendizado, conquistas diversas, muita amizade.

Prof.11 Enriquecimento dos meus conhecimentos.

Prof.12 Valorizar a vida e reconhecer as injustiças sociais que somos submetidos diariamente.

Para Freire (1996, p. 25) enfatiza a respeito da formação que “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

É na troca de experiência que vamos nos fazendo, vamos tecendo nossa trilha, vislumbrando novos horizontes.

- Cite os principais obstáculos enfrentados no decorrer da profissão

Prof. 1 O abandono familiar e a gestão escolar.

Prof.2 Pouca valorização e estudante sem interesse.

Prof. 4 Falta de incentivo de estímulo e de reconhecimento

Prof.5 Falta de oportunidades, desvalorização profissional, salarial, violência moral, psicológica.

Prof.6 Salário baixo

Prof.7 A dificuldade de despertar nos alunos o desejo de estudar é aprender.

Prof.8 No meu caso, como leciono à noite, sinto um pouco de desinteresse por parte de alguns alunos a respeito da disciplina. Alguns estão ali apenas para terminar o ensino médio e seguir nas profissões que a cidade lhe oferece.

Prof.9 Salário, estudantes com baixo conhecimento e fora de faixa. Rotina exaustiva, pouco tempo para dedicação à elaboração de aulas didáticas.

Prof.10 Descaso de alguns alunos e pais, além da falta de apoio administrativo e financeiro.

Prof.11 Crianças e adolescentes indisciplinados, pais irresponsáveis e muitos descasos na educação, falta de compromisso dos nossos governantes que não priorizam a educação no país.

Prof.12 Abandono familiar da maioria dos nossos estudantes.

Reafirma-se o pensamento de Gabriel Chalita (2004, p.17) quando diz que “por melhor que seja a escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente”.

Observa-se que as respostas dadas merecem destaque, a violência pela falta de estrutura familiar.

De acordo com Conte (2009) é no núcleo familiar que:

“crianças e jovens adquirem os modelos de conduta que exteriorizam, como por exemplo: pobreza, violência doméstica, alcoolismo, toxicodependência, promiscuidade, desagregação de casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade”, (CONTE 2009, p. 42).

- Como você define a violência escolar e suas causas?

Prof. 1 Um agravante que se intensifica a cada dia...

Prof.2 Através de uma educação familiar defasada, a violência chega as escolas refletindo a nossa sociedade

Prof.3 Acredito que a raiz está na convivência familiar e seus valores.

Prof.4 Desagradável e muito triste

Prof.5 Assustadora

Prof.6 Um problema social, causado principalmente pela desigualdade

Prof.7 Penso que a violência é um reflexo da desestrutura familiar e social.

Prof.8 No pouco tempo que tenho como professora, não presenciei nenhuma manifestação. Além disso, sempre estamos trabalhando com projetos que possa vivenciar o tema sobre violência nas escolas.

Prof.9 A violência escolar pode ser categorizada como um estresse não previsto pelas partes envolvidas, causada por diversos fatores, onde a convivência social torna-se fragilizada. As causas podem ter diversos fatores, listo: vínculo social (comunitário, familiar, religioso etc), bullying, indisciplina, falta ou distorção de Informações, exaustão física e emocional.

Prof.10 Como um grande problema que parte tanto da escola como do aluno e sua família. Deixando graves sequelas para ambos.

Prof.11 A violência escolar vem de família! Famílias desajustadas, sociedade desajustadas, jovens e crianças frustradas! É um círculo vicioso.

Prof.12 Falta de educação familiar.

Para Waiselfisz (2013) a violência escolar:

também nos remete à desigualdade social, ao abordar estudos que apontam que a maioria dos óbitos (80,2%), refere-se à população de raça/cor de pele negra, esses resultados podem ser consequência da desigualdade social, como também do preconceito e discriminação entre segmentos da sociedade. Dentro da sociedade geral, grupos discriminados ocupam uma posição de desvantagem, desvalorização e maior exposição a riscos.

Por traz de toda indisciplina e demais violências expressadas pelos estudantes no recinto escolar, revela-se uma decorrência da vivência familiar, os desajustes e atritos domésticos terminam por resvalando dentro da escola.

- Há casos de violência em seu ambiente de trabalho? Se sim, qual (is) tipo (s)

Prof. 1 Na maioria acontece de forma verbal, muito rara agressão física.

Prof. 2 Sim. Violência e verbais e raramente física.

Prof. 3 Sim. Abandono de pais.

Prof. 4 Sim, agressões verbais e físicas

Prof. 7 Sim. Violência verbal (através de brincadeiras)

Prof. 9 Sim. Já ouvi vários alunos chamando professores por apelidos agressivos entre seus grupinhos de amizade. Já teve casos de enfrentamento da autoridade do professor em sala.

Prof. 10 Sim. Já presenciei casos de bullying, agressão física e verbal, além de ameaças.

Prof. 11 Mais ou menos. Violência física.

Prof. 12 Sim... Agressão verbal.

Segundo Fante (2005):

[...] por, definição universal bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (FANTE, 2005, p. 28-29).

Atitudes desrespeitosas como o bullying sempre existirão desde que tenha plateia para tal. Infelizmente não é raro que pessoas deem apoio e até mesmo aplaudam os agressores, que muitas vezes fazem bullying para se firmarem diante da galera.

- Em seu ambiente de trabalho você já enfrentou alguma situação de violência? Em caso afirmativo, qual? Como você reagiu?

Prof. 1 Sim. Discussão entre alunos verbalmente onde intervi, apaziguando os ânimos.

Prof. 2 Sim. O diálogo é sempre o melhor caminho para entender e resolver esse problema. O apoio família também é fundamental.

Prof. 3 Violência verbal. Não soube reconduzir. Paralisei.

Prof. 4 Sim! Briga. Separando as partes

Prof. 6 Sim. Discussão. Tentei apaziguar na medida do possível

Prof. 7 Sim. Em sala de aula a violência está sempre "próxima", até nas brincadeiras de mal gosto. Mostrando que através do diálogo é que podemos construir o respeito mútuo.

Prof.9 Sim. Já houveram vários enfrentamentos, mas as situações foram contornadas com exposições filosóficas e em outros momentos com alertas para que seja mantido o respeito.

Prof.10 Sim. Uma briga entre alunos. Tentei apartar, mas acabei apanhando também.

Prof.12 Sim. Violência verbal. Conversando

Como bem colocou Leonardo Boff:

“o que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 33).

Através do diálogo pode-se chegar a uma mediação, respeitando os direitos dos envolvidos construindo uma solução plausível, oportunizando um ajustamento no ambiente de sala de aula. De acordo com as respostas dadas, este foi o caminho escolhido pela maioria dos professores, o diálogo. Cuidar de quem precisa é tarefa de todos.

- Para manter um clima amigável entre os alunos, que dificuldades você encontra?

Prof. 1 Naturalmente há rivalidades normais entre os jovens e como já disse o diálogo e incentivo ao respeito mútuo é o que sempre fazemos.

Prof.3 Fazer com que cumpram regras.

Prof.4 A falta de respeito e limites entres os mesmos

Prof.5 Nenhuma. Diálogos.

Prof. 6 A falta de respeito

Prof.7 Formar grupos de estudo entre os alunos que tem pouca afinidade.

Prof.8 Como disse anteriormente, não obtive essa experiência.

Prof.9 A diferença na faixa etária do público alvo e a diferença nos níveis de aprendizagem.

Prof.10 Falta as vezes um apoio dos pais.

Prof.11 Mais a questão do respeito. Não há mais o respeito entre as pessoas...

Prof.12 Eles agridem

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Nelson Mandela

Se há a pretensão de melhorar a situação do ambiente escolar, faz-se necessário lutar por parcerias, família X escola X comunidade, todos somos responsáveis pela formação dos estudantes, e em uma ação conjunta galgar o mesmo objetivo. “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” Provérbio Africano

- Como você descreve o perfil dos estudantes que estão presentes nos casos de violência e de conflitos dentro da escola?

Prof.1 Na sua maioria, são pessoas que possuem problemas de ordem familiar.

Prof. 2 Geralmente os que não tem base familiar.

Prof.3 Abandono familiar.

Prof.4 São dispersos poucos participativos e querem se impor aos outros

Prof.5 Eles nos respeitam.

Prof.6 Possuem uma educação familiar precária

Prof.7 São alunos que moram sozinhos, longe dos pais, tiveram relacionamentos conturbados com os parceiros, estão desempregados.

Prof.8 Acredito que toda causa de violência tem a ver com a família e o lugar onde vivem. Mas isso é só uma opinião.

Prof.9 São, na maioria, alunos que se tornaram adultos antes da maturidade.

Destes, quase todos não contam com acompanhamento familiar. Tentam obter

atenção de todos a todo custo. Gostam de manter a aparência de fortes e opressores,

são territorialistas e disputam espaço sempre. São alunos agressivos e não possuem

a inteligência emocional desenvolvida. Em geral, agem primeiro e pensam depois.

São orgulhosos e sentem-se bem em atacar com ofensas e/ou fisicamente o próximo.

São alunos na maioria das vezes com dificuldades na família.

Prof.11 Alunos sem perspectiva de vida. Para eles tanto faz como tanto fez.

Prof.12 Estudantes sem presença de família

Segundo Conte (2009):

A educação deve ter início na família, mas nem por isso a escola será desvinculada desse processo, pois, em termos gerais, ela está agregada a criança, quando a família lhe transferem, por algumas horas, a guarda física social e cultural do filho. (Conte 2009, p.6)

Enquanto os estudantes estiverem dentro do recinto escolar é de inteira responsabilidade da escola a sua segurança, bem-estar e o desenvolvimento das habilidades afetivas, cognitivas etc. que favoreçam a sua formação humana integral.

- No recinto da escola, onde são os locais onde ocorrem os casos de conflito e violência?

Prof.1 O que presenciei aconteceu na sala. Mas já vi também nos corredores do recinto.

Prof.2 Na quadra, na sala de aula e no intervalo.

Prof.3 No banheiro, na sala de aula.

Prof.4 Área interna da escola

Prof.6 Geralmente nos pátios

Prof.7 No pátio, e até em sala de aula.

Prof. 9 Em sala de aula e alguns casos nos corredores das unidades escolares.

Prof.10 Na sala de aula, pátio, corredores e principalmente na entrada da escola.

Prof.11 Pátio e até em salas de aulas.

Prof.12 No banheiro.

Observando as respostas apresentadas verifica-se que não há um local específico para os casos de violência dentro da escola, ela está em todos os ambientes, não há medo por parte daqueles que praticam atos de violência.

- Que atitudes você tem tomado, quando isso acontece na sua presença?

Prof.1 Observo se há possibilidade de eu intervir-se for possível através do diálogo, ótimo, senão for, encaminho a gestão escolar.

Prof.2 Sempre conversar com os envolvidos, aconselhar e punir se necessário e em casos mais graves procurar o apoio familiar.

Prof.3 Diálogo. Reflexão sobre atitudes e valores.

Prof.4 Dialogar com as partes envolvidas

Prof.6 Tento acalmar os ânimos e chamo a pessoa competente para resolver o conflito

Prof.7 Intervenho reforçando que tudo se esclarece melhor com um bom diálogo, e, reforço que no interior da escola temos regras, normas a cumprir. E que devemos nos conter. Quando é mais sério, encaminho para a coordenação pedagógica a fim de que se tome conhecimento do caso e outras medidas se for o caso, chamar os pais. Etc.

Prof.9 Sempre que vejo que os ânimos estão se alterando, tento remediar com uma conversa breve. Não resolvendo, retiro de sala e encaminho pra educadora de apoio ou gestão conversar. Posteriormente, reflito em sala sobre a situação.

Prof.10 Sempre faço um momento de reflexão, chamo à atenção dos envolvidos e chamo a família.

Prof.11 Até então nunca presenciei. Mas é importante notificar os pais ou até mesmos a polícia local.

Prof.12 Diálogo.

Diante das respostas dadas observa-se como tornou-se comum os casos de violência dentro do ambiente escolar, desde as agressões verbais até as físicas, deixando os professores as vezes sem reação imediata, ficando em estado de choque. Porém a melhor resposta para os casos mais simples é o diálogo, que também é necessário nas situações mais complexas, como primeira atitude que deve ser acompanhada de outras previstas no Estatuto Escolar.

- Na sua percepção, essas atitudes são suficientes para evitar novos casos?

Prof. 1 Em grande parte funciona...

Prof. 2 Não. Mas diminui significativamente.

Prof.4 Acho que ã

Prof.5 Sim.

Prof.7 São suficientes para levar ao esclarecimento dos fatos, e solucionar aquele problema.

Prof.9 Até então estão resolvendo. E como é retornado para a turma uma reflexão sobre o acontecido, serve como aprendizagem.

Prof.10 Nem sempre.

Prof.11 Esperamos que sejam!

Perrenoud (2000:1), defende dez competências para ensinar, algumas delas prendem-se com o facto de se evitar o conflito nas escolas e de encontrar as devidas estratégias para os resolver.

Deve-se entender os conflitos no recinto escolar como oportunidades de vermos nossas posturas, de crescimento e de aprendizagem, enaltecendo os valores da inclusão, do sentimento de pertencimento, de saber ouvir o outro e despertar os sentimentos de solidariedade.

- A escola ou outro órgão tem possibilitado a você algum curso ou capacitação de como lidar com os conflitos e violência na escola?

Prof. 1 Sim

Prof. 2 Não

De acordo com os relatos apresentados, constata-se que foi proporcionado alguns cursos, mas infelizmente não extensivo a todos, foram direcionados para determinadas áreas de conhecimento.

- Em caso afirmativo, há quanto tempo ocorreu, qual a sua carga horária e temas trabalhados?

Prof.1 Mediação de Conflito.

Prof.2 A secretaria de educação, sempre realiza formações com o tema violência na escola. Eu não participei ainda, mas os colegas que participam desempenham projetos na escola e repassam suas experiências

Prof.3 Mediação de conflitos

Prof.6 Ainda este ano. 30 horas. Bullying

Prof.8 Ano passado trabalhamos um projeto sugerido pela GRE de Limoeiro onde o tema era justamente a violência.

Assim como fala Goleman “a capacidade de reconhecer os nossos sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerirmos bem as emoções em nós e nas nossas relações” (Goleman, 1999, p.323).

Cursos e palestras de formação de mediação de conflitos e de cultura de paz são bem oportunos e deveriam estar sempre na pauta das escolas e Gerências Regionais de Ensino, pois dão respaldo a prática pedagógica dos docentes.

- Como a escola tem enfrentado os casos de violência e conflitos dentro da escola? O PPP da escola contempla ações de prevenção e combate à violência dentro da escola?

Prof.1 A situação sempre é trabalhada através do diálogo. Quando não se resolve desta maneira, busca-se direcionar os casos às autoridades competentes. Sim o PPP contempla essas ações...

Prof.2 A escola sempre busca formas de minimizar a violência escolar, através do diálogo, participação dos familiares, punições e outras ações presentes no PPP.

Prof.4 Conversando com os envolvidos

Prof.5 O PPP contém sim ações para esta finalidade.

Prof.6 De acordo com as suas possibilidades através de informações. Sim

Prof.7 Sim. A escola é muito tranquila, os casos de violência em geral são os desentendimentos entre os alunos. Mas a escola dispõe de algumas ferramentas que auxiliam nesses casos. O PPP, o Regimento Escolar, o Contrato de Convivência que é construído a cada início de ano com a participação dos alunos, e é afixado nas salas, nos corredores, no pátio e nos murais, de modo que todo tem conhecimento. Essas normas são apresentadas no início do ano no ato da matrícula e nos Plantões Pedagógicos que ocorrem em cada bimestre, onde é registrado o perfil dos alunos e apresentado aos pais e ou responsáveis, ou aos alunos emancipação.

Prof. 9 Sempre tive apoio nas minhas decisões. Sempre estiveram abertos a conversar e buscar sanar os problemas. Sim.

Prof.10 Com palestras e temas transversais.

Prof.11 Pedindo ajuda ao Conselho Tutelar da cidade e a ajuda aos policiais que trabalham na comunidade.

Prof. 12 A escola conversa com os envolvidos.

Paulo Freire afirma que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Sem dúvidas de que o melhor caminho para se apaziguar os ânimos é sempre através do diálogo. A escuta do outro, ouvir suas queixas e suas preocupações é uma forma de amenizar o clima de instabilidade, aparar as arestas contribui significativamente para o bem-estar comum.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto entende-se que a violência presente na escola é algo preocupante que merece a atenção de todos os agentes sociais, internos e externos, comprometidos com a aprendizagem dos discentes. Sob a égide de uma gestão democrática a escola deve promover ações coletivas que favoreçam a promoção de um ambiente escolar acolhedor capaz de cumprir sua função social na formação humana como um todo, contemplando os aspectos: sociais, afetivos, cognitivos, físicos e espirituais.

Sabe-se que as drogas e o bullying são considerados como grandes problemas que a sociedade tem enfrentado e no ambiente escolar a situação não é diferente, especificamente nas instituições de ensino públicas noturnas. As queixas são recorrentes além da cobrança das instituições sociais em relação a instituição de ensino esperando que a mesma trabalhe com a aquisição do conhecimento e da formação integral do estudante, tornando-o um cidadão ciente de si e do mundo em seu entorno, mas para isso a sociedade também tem que dá sua parcela de contribuição no combate a violência e na promoção de uma educação de qualidade.

Vale salientar que a escola não pode ser responsabilizada por todo o processo educativo dos jovens, a família deve assumir mais do que qualquer um, pois é nela que os valores fundamentais para a formação humana são plantados.

Para transformar o atual quadro de violência escolar, faz-se necessário que escola e comunidade se unam na busca por soluções que posam sanar essas inferências que prejudicam todo o processo de ensino aprendizagem.

Dos 12 (doze) professores pesquisados observou-se que há unanimidade em relação ao reconhecimento de que a violência está presente nas escolas de turno noturno, sob as diversas formas, seja ela verbal, física, moral ou psicológica e que isto tem prejudicado o desempenho de seu trabalho no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos**. Brasília-DF: UNESCO, 2010.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente, 2008. CHAUI, Marilena. Uma ideologia perversa. Folha de São Paulo, Caderno Mais. 14/03/1999. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_4.htm.

CHARLOT, B.. **Da relação com o poder**. Porto Alegre: Artmed, 2002. _____. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

CONTE, S. **Bastidores de uma escola: entenda por que a interação entre a escola e a família é imprescindível no processo educacional**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1 - 15/5/2018- **LEI Nº 13.663, de 14 de maio de 2018**.

DEBARBIEUX, Éric -**Violência na escola: Um desafio mundial? Coleção Horizontes Pedagógicos**. Lisboa Instituto Piaget, 2006

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a Descobrir: Relatório para a comissão internacional sobre educação para o século XXI**. 8.ed São Paulo. Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003

FANTE, C.A.Z. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Versus, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. _____ . **Medo e ousadia.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. _____ . **Pedagogia da autonomia.** 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. _____. **Projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo – SP: Pedagógica e Universitária. 1986.

MANAYO, M. C.da S.(Org)**Pesquisa social, teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2005. Perrenoud, Philippe (2000). **10 Novas Competências para Ensinar,** Artmed Editora

ORDOÑEZ, Cecília. **A construção do discurso sobre a violência escolar: um estudo de caso na rede pública estadual de ensino em São Luís.** 2015. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da Pesquisa e elaboração de dissertação.** 4ª Edição. Revista Atual. Florianópolis. UFSC, 2005. 138p.

VAZ, José Carlos. **A violência na Escola: como enfrenta-la.** São Paulo: Instituto Polis, Dicas Nº 10, 1994.

Waiselfisz JJ. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil [Internet]. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude; 2014 [citado 2014 jul 17]. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf**